



Contribuições da Etnomatemática para a construção de uma escola inclusiva para estudantes negras e negros

Maura Araujo **Dias**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, câmpus Campos do Jordão
Brasil

maura.dias@ifsp.edu.br

Amanda Letícia Alves **Pereira**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, câmpus Campos do Jordão
Brasil

leticia_esp@hotmail.com

Introdução

A presente pesquisa está em andamento e é parte do trabalho de conclusão do curso da segunda autora. Seu foco são as possíveis contribuições dos estudos em Etnomatemática para uma Educação antirracista. Pretende-se mostrar caminhos e experiências para fornecer subsídios para a efetiva implementação da *Lei nº 10.639* (2003) de história e cultura Africana e Afro-Brasileira na escola, propondo reflexões, conteúdos e abordagens que valorizam a cultura e ancestralidade de estudantes afrodescendentes, reconhecendo a sua presença de forma positiva na escola e nos diversos segmentos da sociedade.

A invisibilização de estudantes negros e negras na escola brasileira

A motivação dessa pesquisa nasce de uma inquietação das autoras, que perceberam, em suas vivências escolares, que estudantes negros e periféricos eram invisibilizados e preteridos no ambiente escolar, desde as escolhas curriculares até a dinâmica de aulas.

O educador Vanisio Luiz da Silva (2008) afirma que estudantes negros de escola pública apresentam uma diferenciação de desempenho em relação aos outros alunos na disciplina de Matemática. Para ele, essa diferenciação se dá muito pela falta de representação, ou seja, a invisibilidade no livro didático, expectativas de aprendizagem, autoestima de educandos e professores, e o trato com a diversidade. Tal situação tem raízes na história escravista e colonial do Brasil, num processo em que a cultura e saberes de povos indígenas originários e africanos escravizados foram desvalorizados e subjugados, de modo que o colonizador conseguiu afirmar que seus conhe-

cimentos e sua cultura são mais importantes que do colonizado. Com isso, cria-se uma lacuna entre as culturas e, com o passar do tempo o colonizado começa a incorporar a cultura do colonizador como sua, criando uma linguagem distante da sua realidade, e dificultando ainda mais o aprendizado.

Percebemos também que a matemática, pelo nível de rigor e abstração de determinadas de suas linguagens, não é acessível e nem evidente para todos, o que se torna um problema, dada a importância da comunicação no desenvolvimento do pensar. Assim, se estabelece a seguinte pergunta: quais escolhas podem ser feitas para tornar o ensino-aprendizagem da matemática acessível para todos e todas, principalmente para aqueles grupos mais marginalizados pelas escolhas atuais?

Etnomatemática: do surgimento às práticas e possibilidades na atualidade

Nesse contexto, na década de 70, educadores e pesquisadores perceberam que era necessária uma mudança no que eles chamavam de “currículo comum”, e também na maneira que a matemática era vista: como uma visão única, um conhecimento universal que divulgava verdades absolutas. Assim se criou o programa de estudos em Etnomatemática que, inicialmente, foi associada às práticas de tribos, povos indígenas e também grupos primitivos. Porém, ela vem recebendo uma interpretação mais abrangente, buscando valorizar a matemática presente em diversas culturas e também desmitificar que o conhecimento matemático é aquele adquirido somente na formação escolar dos indivíduos. Dessa forma, no campo da educação ela é percebida por muitos teóricos como uma nova abordagem do ensino de matemática, com o objetivo de criar novas metodologias de ensino/aprendizagem para os conhecimentos matemáticos de grupos excluídos.

A Lei nº 10.639 (2003), que trata do Ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nas Leis de Diretrizes e Bases da Educação 9.394 (1996), se insere em um processo de luta pela superação do racismo na sociedade brasileira e tem como protagonistas o Movimento Negro e outros grupos e organizações da luta antirracista. Mesmo que sua aplicação ainda não esteja visível de modo generalizado no ambiente escolar, há educadores e pesquisadores interessados em aplicar conteúdos que tratam sobre as produções cognitivas afro-brasileiras e africanas. Entre esses pesquisadores negros e militantes do movimento negro estão Eliane Costa dos Santos, Gustavo Henrique Araújo Forde, Vanisio Luiz da Silva, entre outros.

Como exemplo de relato positivo, Eliane Costa dos Santos (2019) apresentou resultados em que a Etnomatemática surge para agregar o ensino de Matemática tradicional e não para substituí-la, trazendo outras abordagens do ensino, que se encontra em grupos sociais diferentes, trazendo reflexões sobre a descolonização. Note-se que essa abordagem não é única, e não anula a possibilidade de substituir o ensino de Matemática tradicional pela Etnomatemática.

Conclusões parciais e considerações para o avanço da pesquisa

A partir do exposto, e das experiências das autoras, percebemos que, apesar das pesquisas, debates e da implementação da *Lei nº 10.639* (2003), ainda há uma lacuna entre as produções acadêmicas e a efetiva presença de um currículo descolonial nas escolas brasileiras. Desse modo, o próximo passo da pesquisa se dará a partir da seguinte pergunta: “O que há de África na

revista *Bolema* a partir de 2003?”. Pretende-se buscar, nas edições dessa revista desde 2003, em forma de uma pesquisa bibliográfica, os relatos de experiência em sala de aula que buscaram africanizar o ensino aprendizagem da Matemática. Primeiramente, será realizada uma busca, em todas as edições – baseada nos títulos, resumos e palavras-chave – de quais são os textos adequados; então, será feita a leitura integral dos textos, de modo a identificar temas, abordagens e metodologias, estabelecer categorias, e traçar um panorama de como tem sido tratado o tema, bem como propor caminhos para avançar nesse campo.

Referências e bibliografia

- D’Ambrósio, U. (2001). *Etnomatemática:elo entre as tradições e a modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Gerdes, P. (1989). Desenhos tradicionais na areia em Angola e seus possíveis usos na aula de matemática, *BOLEMA Especial*, v. 1, pp. 51-77.
- Lei nº 9394 do Ministério da Educação e Ciência (1996). *Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília: MEC. BRASIL.
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm#:~:text=L9394&text=Estabelece%20as%20diretrizes%20e%20bases%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20nacional.&text=Art.,civil%20e%20nas%20manifesta%C3%A7%C3%B5es%20culturais.
- Lei nº 10639 do Ministério da Educação e Ciência (2003). *Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências*. Brasília: MEC. BRASIL.
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm
- Quijano, A. (2005). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. En Lander E. (Org.), *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso.
- Santos, E. C.; & Caetano, S. (2019) Jogo Mancala de Guiné Bissau em diálogo com a Etnomatemática: um dos caminhos para decolonialidade do saber. *Matemática e Ciência: construção, conhecimento e criatividade*, v. 2, pp. 39-57.
- Santos, L. B. (2018). *A Etnomatemática e as relações étnico-raciais*. Rio de Janeiro: Cefet-RJ.
- Silva, V. L. (2008) *A cultura negra na escola pública: uma perspectiva Etnomatemática*. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.
- Zuin, E. S. L.; & Sant’Ana, N. A. S. (2015) *Produzindo aproximações da cultura africana com a Matemática escolar: a utilização do jogo Mancala*, *Revista Pedagogia em Ação*, v.7, n.1, pp.7-26.